

ALGUMAS QUESTÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

Miguel Angel Garcia Bordas

RESUMO

Este artigo visa apresentar algumas questões sobre bases lingüísticas que subjazem nos trabalhos de sociolingüística propondo perspectivas alternativas teóricas e operacionais.

1 - O estudo sobre a diversidade nos hábitos da fala até poucos anos atrás era considerado como "um estudo de polimorfismo" ou ainda de "variações livres". Porém, aos poucos, o estudo das características e usos da linguagem no contexto social humano conseguiu chamar a atenção de cada vez maior número de pesquisadores a partir de perspectivas diversas. Podemos dizer que nos encontramos ante distintos fatores definidos socialmente com os quais está relacionada a diversidade lingüística, e o objeto da disciplina sociolingüística será, portanto, mostrar as variações sistemáticas correlatas da estrutura lingüística e a estrutura social. Cabe distinguir por um lado o estudo e análise dos usos da lin

guagem em diferentes situações sociais por parte de uma comunidade determinada, por outro lado o estudo das características da conduta lingüística dos distintos grupos sociais que compõem uma mesma comunidade lingüística e a análise das possíveis diferenças entre as referidas condutas⁷. A covariação deve, pois, referir-se principalmente à identidade social do emissor da mensagem, à do receptor e do contexto comunicativo como podemos inferir numa primeira aproximação. Já naquela época Eugênio Coseriu, José Pedro Rona e outros destacavam a problemática de uma sociolingüística que não superasse as abstrações idealizadoras dos parâmetros de uma lingüística em vigor. Parece que, nesta perspectiva, existe um propósito comum de mostrar em que medida as variações ou diversidades não são "puramente livres", mas são tão relacionadas com diferenciações sociais sistemáticas de estruturas lingüísticas e estruturas sociais.

Labov sublinha com cuidado um fato que constitui um momento destacado que serve de ponto de partida e dá sentido à sociolingüística: à existência real de variação e, portanto, estruturas heterogêneas no interior das comunidades lingüísticas, e isso não somente pela própria estratigrafia sociológica da comunidade, mas também porque não existem falantes que não sejam capazes de expressar-se em mais de um registro ou estilo: pelo menos o fazem em um familiar e outro de respeito.¹⁰

1.1 - Este artigo visa apresentar algumas questões sobre as bases lingüísticas que subjazem aos trabalhos de sociolingüística, propondo perspectivas alternativas para a operacionalização de uma teoria que permita compreender e, talvez, explicar a natureza do fenômeno sociolingüístico.

1.2 - O problema, ao nosso ver, consiste numa falta de unidades de análise lingüística que permitam comparar e interpretar os dados. Se revisamos alguns trabalhos destacados podemos ver que aparecem com relativa constância conceitos como: "tipos de discurso", "categorias de discurso", "códigos"³. Os referidos termos, como expressão de conceitos-chave, devemos destacar que nem sempre são usados de uma forma clara, preci

mente pela sua distribuição social, mas também pela diferenciação dos tipos ou estilos de fala.¹⁰

Estes, apresentam, portanto, características para uma codificação social e uma estilística, em termos de possibilidade de oferecer um ponto de partida para a análise de unidades do discurso. Os "marcadores", estilos ou registros, caracterizam os tipos de traços sociolingüísticos de maior aplicação, talvez, dentro de uma perspectiva que pretende estudar e estabelecer relações entre variáveis sociais e lingüísticas.

Através da noção de "indicators" e "markers" como parâmetros sem variações em função do contexto e com variáveis em função do tipo de situação respectivamente, Labov apresenta uma linha de trabalho que permite estabelecer interrelações entre variação social e variação contextual. Contudo seus trabalhos aparecem centrados em aspectos fonológicos e morfossintáticos quase exclusivamente.

2 - Sem apurar informações podemos dizer que a maior parte dos trabalhos nesta perspectiva sociolingüística tem adotado as características acima referidas ficando em círculos descritivos sem atingir níveis explicativos. A maior parte dos trabalhos em sociolingüística, pelo menos dos considerados até agora, objetivam levantar dados em níveis lexicais ou morfossintáticos, sem abordar perspectivas semânticas e funcionais da língua. O fato deve destacar-se, até porque resulta paradoxal, devido à importância do contexto e da situação em qualquer estudo de corte sócio-cultural. Nesse sentido, qualquer estudo do sociolingüístico que não considere esses aspectos, pode parecer artificial demais. Parece que o maior impedimento para uma análise e explicação sociolingüística tem sido o fato de algumas abordagens lingüísticas fazerem abstração de quaisquer parâmetros situacionais: os diversos contextos de compreensão e produção do discurso são substituídos por situações neutras e constantes nas quais aparecem os enunciados da língua.

Os parâmetros situacionais e contextuais são precisamente os únicos que podem dar lugar a níveis explicativos na sociolingüística. Daí a necessidade

sa e definida, de tal forma a propiciar algumas bases operacionais. Mesmo assim aparecem como itens centrais cristalizando interpretações e dicotomias às vezes extremadas e de alto teor ideológico. Nos referidos trabalhos percebemos, porém, uma maior ênfase em função de relações sociais como qualidades de estruturas sociais. Não podemos, sem embargo, concluir, a partir desta consideração, se a questão discutida se apresenta apenas como puramente social ou se inclui também aspectos lingüísticos, pois parece claro que quando se usa a noção de "código restrito" ou "código elaborado" ("restricted code", "elaborated code"),² remete a tipos de linguagem e de discurso, assim como também apresenta algumas características morfossintáticas que formam cada um dos tipos de linguagem. Na realidade a questão é mais complexa do que aqui estamos brevemente apresentando: o próprio Bernstein evoluiu, ampliando e modificando o significado inicial de seus conceitos e definições, em especial devido à influência de M. A. K. Halliday,⁹ dando lugar a novas dimensões significativas de "código". A incorporação de noções como "variante" e "contexto" podem ser indicadores dessa mudança, a partir de uma ótica funcionalista, nas últimas formulações de Bernstein.

1.3 - Sem pretender ser exaustivos nesse breve trabalho queremos destacar a presença de Williams Labov que tem contribuído sobremaneira, quebrando dicotomias através da apresentação de variações num "continuum". E, por outro lado, outro aspecto de ampla relevância, ao nosso ver, é precisamente a distinção, a partir da sua ocorrência e valorização, de três classes de variações diletais sociológicas: "indicadores", "marcadores" e "estereótipos". Os "indicadores" são traços utilizados sempre por cada falante em todos os contextos, traços que aparecem estratificados segundo grupos: trata-se, como podemos ver, de fenômenos lingüísticos distribuídos de maneira regular de acordo com grupos socioculturais. Assim os referidos "indicadores" servem para poder identificar a pertinência do falante a um grupo ou a outro. Já os "marcadores" são variáveis sociolingüísticas mais elaboradas que se determinam não so

Universitas. Cultura. Salvador (35): 119-126, jan./mar. 1986

de mudanças profundas nos modelos lingüísticos utilizados, a fim de permitir atingir unidades de análises operacionais e explicativas. Talvez, por isso, a sociolingüística não tenha progredido mais e, inclusive, nos últimos anos tenha permanecido estagnada, ao nosso ver, por causa da ausência de unidades de análise. O fato não permitiu, nem permite ainda, compreender, comparar, classificar e explicar os fenômenos objeto de estudo, a partir de uma compreensão melhor de sua natureza. Esta perspectiva que destaca o contexto, a situação e o uso em que os atos lingüísticos são executados é funcional e pragmática, podendo fornecer um instrumento para definir atos lingüísticos que parecem interessantes e fazer as distinções conceituais necessárias.

3 - O presente artigo não seria construtivo se não corresse o risco de mostrar vias que permitam atingir alternativas e abrir discussões sobre elaboração de instrumentos de análise e configuração de unidades lingüísticas.

Com esse propósito parece oportuno destacar o ato mediante o qual se realizam as produções da língua, assumidas por um locutor concreto em circunstâncias espaciais e temporais precisas como sendo o enunciado. Uma possível alternativa nesse sentido pode ser, ao nosso ver, a procura de elementos nos enunciados que permitam identificar relações locais em níveis de complexidade de referência e de designação. Uma análise das distâncias paradigmáticas e dos processos de metonimização e da metáforização poderia servir para estabelecer grupos, classes e níveis de discurso mais concretos ou mais abstratos (mais elaborados ou menos elaborados). Uma teoria, portanto, que apresentasse as características acima seria uma teoria de enunciação. Já desde alguns anos atrás Benveniste,¹ Culliolli,⁵ Fuchs⁸, Desclés⁶ e Bronckart⁴, entre outros, vêm destacando a necessidade de uma teoria da enunciação. Não é, portanto, nada novo o que, em princípio, estamos apresentando. Por outro lado, outros autores insistem na necessidade de estudar os atos de comunicação, os "atos de fala"¹², assim como outros trabalhos que vêm destacando a importância de levar em conta as-

pectos do "contexto de enunciação" para dar conta das propriedades dos enunciados.

3.1 - Pretendemos agora, progredir mais um pouco a partir das breves considerações anteriormente expostas, que concluem pela relevância de uma teoria enunciativa, perspectiva já aberta pela lingüística porém pouco explorada ainda, ao nosso ver, especialmente no que podem ser "níveis de discurso mais elaborados ou menos elaborados".

3.2 - O que verdadeiramente pode caracterizar níveis ou tipos de códigos (discursos ou registros usados por um grupo ou indivíduo de uma comunidade) é o grau de abstrações e de representações simbólicas usadas no estabelecimento das relações entre significados e significantes. Mas como podemos estudar e analisar isso? - Se aceitamos que o enunciado é o primeiro registro da linguagem e que forma as unidades lingüísticas conforme a ordem de uma sucessão na cadeia falada (configurando-se primeiramente sobre o eixo (sintagmático); e, se aceitamos também que a associação de unidades funcionais lingüísticas estrutura os paradigmas, que são articulações que sustentam modelos semelhantes de funcionamento, devido a uma mesma relação de dependência, a um grupo, classe ou categoria¹¹, podemos concluir que enunciar é unir diretamente os sintagmas uns aos outros e, fazendo isso, indiretamente suscitar o paradigma que os une entre si. Assim, também a associação de unidades funcionais se forma por contigüidade na dimensão causal, espacial ou temporal, a partir de reagrupamentos conforme substituições e equivalências de termos. E, se a aceitamos que é por deslizamento por referência (da função referencial ou denotativa), ou por níveis de simbolização (de evocação ou alusão) que se configura o horizonte da abstração das relações entre significante e significado, teremos, por conseguinte, uma via operacional para poder estabelecer níveis de referência, de evocação e de alusão, caracterizados fundamentalmente pelos processos de metonimização e de metaforização, que comandam a passagem do concreto para o abstrato.

3.3 - A partir das considerações acima, podemos pensar que um primeiro passo para o estabeleci-

mento de unidades lingüísticas poderia ser a procura de níveis e graus de metonimização e de metáforização. Os diversos códigos poderão mostrar paradigmas de organização de seus enunciados caracterizando possíveis diferenças na base de graus de abstração e de simbolização de seus discursos (ou grau de complexidade das relações entre significantes e significados na passagem de concreto para o abstrato).

3.4 - O estabelecimento de níveis de referência e de níveis de designação e de simbolização pode ser um primeiro passo, portanto, na procura de unidades de análise lingüística.

3.5 - Como vemos, o caminho não nos leva a um retorno à velha retórica e estilística, mas a um choque frontal com a irmã "pobre" e "esquecida" da lingüística: trata-se da semântica que mais uma vez entra pela janela.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BENVENISTE, Emile. Problèmes de linguistique général. Paris, Gallimard, 1966.
- 2 - BERNSTEIN, B. Social class linguistic codes and gramatical elements. In: _____. Language and speech. New York, Free Press, 1962. p.221-40.
- 3 - _____. Social class and linguistic developement: a theory of social learning. In: ALSEY, A. H.; FLOUD, S.; ANDERSON, A., ed. Education, economy and society. New York, Free Press, 1961.
- 4 - BRONCKART, Jean P. Théories du langage; une introduction critique. Bruxelles, Pierre Mardaga, 1977.
- 5 - CULLIOLI, A.; FUCHS, C.; PECHEUX, M. Considerations théoriques à propos du traitement formel du langage. Documents de linguistique quantitative. Paris, Dunod, 1970. Numéro Especial.
- 6 - DESCLÉS, Jean Pierre. Description de quelques opérations énonciatives. Paris, Université Paris, Pitfall, 1974.
- 7 - FISHMAN, J. A. Readings in the sociology of language. Paris, Mouton, 1971.
- 8 - FUCHS, C. Quelques réflexions sur le statut linguistique des sujets énonciateurs et de l'énonciation. In: _____. La psychomécanique et les théories de l'énonciation. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1980. p.143-52.
- 9 - HALLIDAY, M.A.K. Language as social semiotic; the social interpretation. Universitas. Cultura. Salvador (35): 127-143, jan./mar. 1986

of language and meaning. London, Edward Arnold, 1978.

- 10 - LABOV, Willams. Sociolinguistics patterns. Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1972.
- 11 - RESWEBER, Jean Paul. A filosofia da linguagem. São Paulo, Cultrix, 1982.
- 12 - SEARLE, John. What is a speech act? In: Philosophy in America. London, Allen-Unwin, 1965. p.221-39.

SUMMARY

The purpose of this paper is to present some questions about the basic linguistic principles found in Sociolinguistic research, establishing some theoretical and operational alternatives.